

vāo

ARQUITETURA
www.vao.arq.br

Anna Juni
Enk te Winkel
Gustavo Delonero

Portfolio

Subsolanus

Rua Catequese, 77
Butantã SP 05502 020

contato@vao.arq.br



Subsolanus

Local

Cidade do México, DF - México

Ano

2015 - 2016

Coautoria

Marina Canhadas

Construtor

Bonifácio López

Consultoria

Afaconsult

Texto crítico

Marta Bogéa

Fotografia

Luis Gallardo

Prêmio

1º lugar

Concurso Internacional

vão

ARQUITETURA
www.vao.arq.br

Texto de Apresentação Subsolanus, LIGA 21

por Liga, Espacio para Arquitectura

A exposição LIGA 21 Subsolanus é o resultado do primeiro concurso público organizado por *LIGA, Espacio para Arquitectura, DF*. Entre as 140 propostas recebidas, provenientes de 10 países, o jurado selecionou o projeto da equipe formada pelos brasileiros Anna Juni, Enk te Winkel, Gustavo Delonero [Vão] + Marina Canhadas.

A proposta ganhadora é possivelmente a mais arriscada entre as que participaram da convocatória e inclusive uma das mais desafiadoras na trajetória de LIGA. Com a figura do concurso, as questões logísticas que normalmente limitam o desenvolvimento de qualquer projeto expositivo se viram submetidas à beleza poética de um gesto invisível: transportar o ar desde a cobertura de um edifício do arquiteto Augusto Álvarez, de mais de 30m de altura, até a galeria no nível da rua, utilizando para isso um tubo plástico transparente de 60cm de diâmetro.

Se conectam assim, fisicamente e pela primeira vez, as duas áreas que constituem LIGA. A sala de exposições no térreo e a *penthouse* na cobertura, onde ocorrem conferências, debates e o Interludios. Dessa maneira se estabelece uma comunicação entre a escala do cidadão e a visão panorâmica da cidade, entre o humano e o urbano, a prática e a teoria. *Subsolanus* induz uma ação metafórica cujo o efeito, a entrada de vento na galeria, depende das condições climáticas e está por tanto inevitavelmente fora de nosso controle.

vão

ARQUITETURA
www.vao.arq.br

Cata- vento

por Marta Bogéa¹

“Talvez não funcione...” foi uma das tantas frases ditas ao sabor do vento que acompanhou nossas conversas. Mas “funcionar” exatamente o quê? Entre tentativas de compreensão do que os movia – afinal é de vento que se trata, e vento põe coisas em movimento como tão bem devem saber os mexicanos² – e explicações do mecanismo em construção, fui me deixando levar.

O que desde o início me intrigou foi o desejo de construir uma traquitana para insuflar o ar que vinha dos ventos dominantes no terraço trazendo-o para a pequena sala de exposição. Atravessá-la com os ventos que sopram mais livre no topo do prédio. A sala, mantida vazia, estará “cheia” de ar em movimento.

Mas, para tocar o intangível do mundo, nesse caso a variação do vento, é preciso saber moldar o tangível. Daí vem um dos traços que muito me interessa no fazer em geral da arquitetura: ao lidar com os materiais lidamos com paisagens humanas e fenômenos naturais. Não para determinar usos ou nos proteger dos fenômenos como abrigos apenas, mas também para usufruir da variedade com que pessoas e fenômenos animam nossa experiência. Vai que o vento muda... tão bem sabem os marinheiros, para o bem, quando insuflam velas e os tiram do marasmo, para o mal, quando agitam o mar em fortes tempestades. Nossos encontros foram também embalados pela revelação de gráficos que permitem reconhecer ventos predominantes e determinar a melhor posição da boca de captação; por relatos das reuniões técnicas e o desafio de vencer verticalmente o vão do piso à base da cobertura com dois únicos pontos de apoio possíveis; pela pesquisa sobre o material mais adequado para constituir o “tubo” em membrana, assuntos da arquitetura nos termos com que entendemos o ofício de todo-dia. Afinal para construir é necessário técnica, engenhosa técnica. E engenhosidade aqui não falta.

Quanto mais envolvidos em decifrar a torre que conduzirá a massa de ar e concentrados com o mecanismo da traquinagem, mais os arquitetos me pareceram dispostos a brincar com(o) Saci³, moleque engenhoso e travesso que anda dentro dos redemoinhos e guarda a sabedoria da floresta. Atentos à construção que permite realizar com precisão a pretensa travessura o fazem com humor, para que ao final, o esforço da construção se liberte da simples utilidade. Agem no espírito dos bons velejadores que preferem navegar os mares no ritmo e na sabedoria de quem sabe captar os bons ventos e usufruir territórios como parte deles. Se mantêm afastados da afofação daqueles que preferem sobrepor motores aos ventos e marés, e estranhos a gente afeita à ilusão de certezas. Não se escondem atrás de simulações eficientes, aqui preferem atuar a partir do delicado equilíbrio entre a eficiência possível e a poesia incerta de quem pretende uma rigorosa construção para reinventar um lugar. A instalação fará com que na sala cada dia seja um dia, uma vez que transformará o abrigo estável numa inquieta paisagem.

Anna, Enk, Gustavo, Marina, fazem da arquitetura território de pura imaginação configurada pela mais árdua construção. Realizam a desejável articulação entre conhecimento e desejo que permite fazer da técnica uma poética. A imensa torre membrana externa não é um fim em si mesmo, é artefato condutor da variedade e dos humores dos ventos: um dia a brisa fresca que renova tudo, outro ventos que brigam rodopiando, rememorando fortes ventanias, grandes tornados. E que os ventos venham, rodopiados! .⁴

¹ Arquiteta-urbanista, professora no Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Autora de Cidade Errante: arquitetura e movimento (editora Senac, 2009), do Projeto de adequação dos espaços para o Arte/Cidade III: a cidade e suas histórias (1997), da expografia para 29 Bienal de Arte de SP: Há sempre um copo de mar para um homem navegar (2010).

² Fica aqui, no pretexto deste texto, o desejo de conhecer melhor Ehecatl, que dizem, pôs em movimento sol e lua. Qualquer dia alguém me conta melhor essa história...

³ O Saci Pererê é um personagem de lenda brasileira, espírito festivo e alegre, afeito a travessuras e que controla e guarda os segredos da floresta. A lenda diz que ele anda nos redemoinhos do vento podendo ser capturado quando se joga uma peneira sobre ele. Quem deseja atravessar a floresta deve pedir permissão a ele.

⁴ “Do vento. Do vento que vinha, rodopiado. Redemoinho: o senhor sabe - a briga de ventos.” Nossas conversas me fizeram lembrar dessa frase, de Grande Sertão: Veredas (1959) de João Guimarães Rosa. Ver trecho completo nesta publicação.

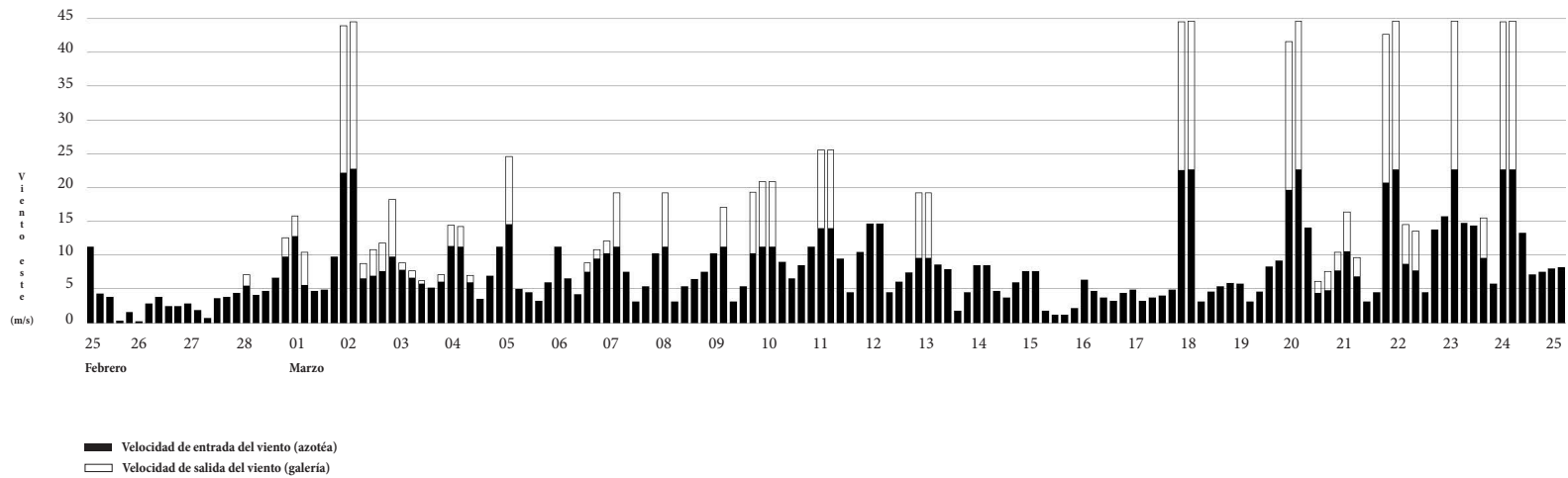
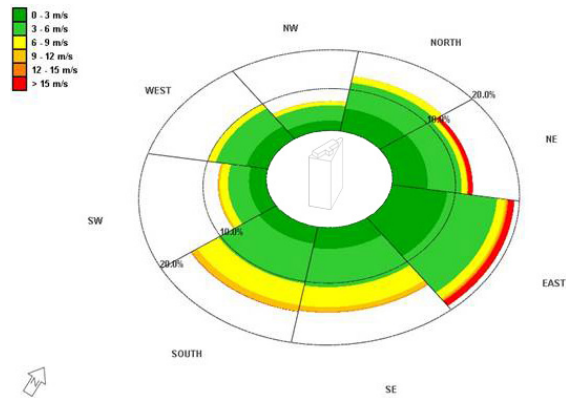
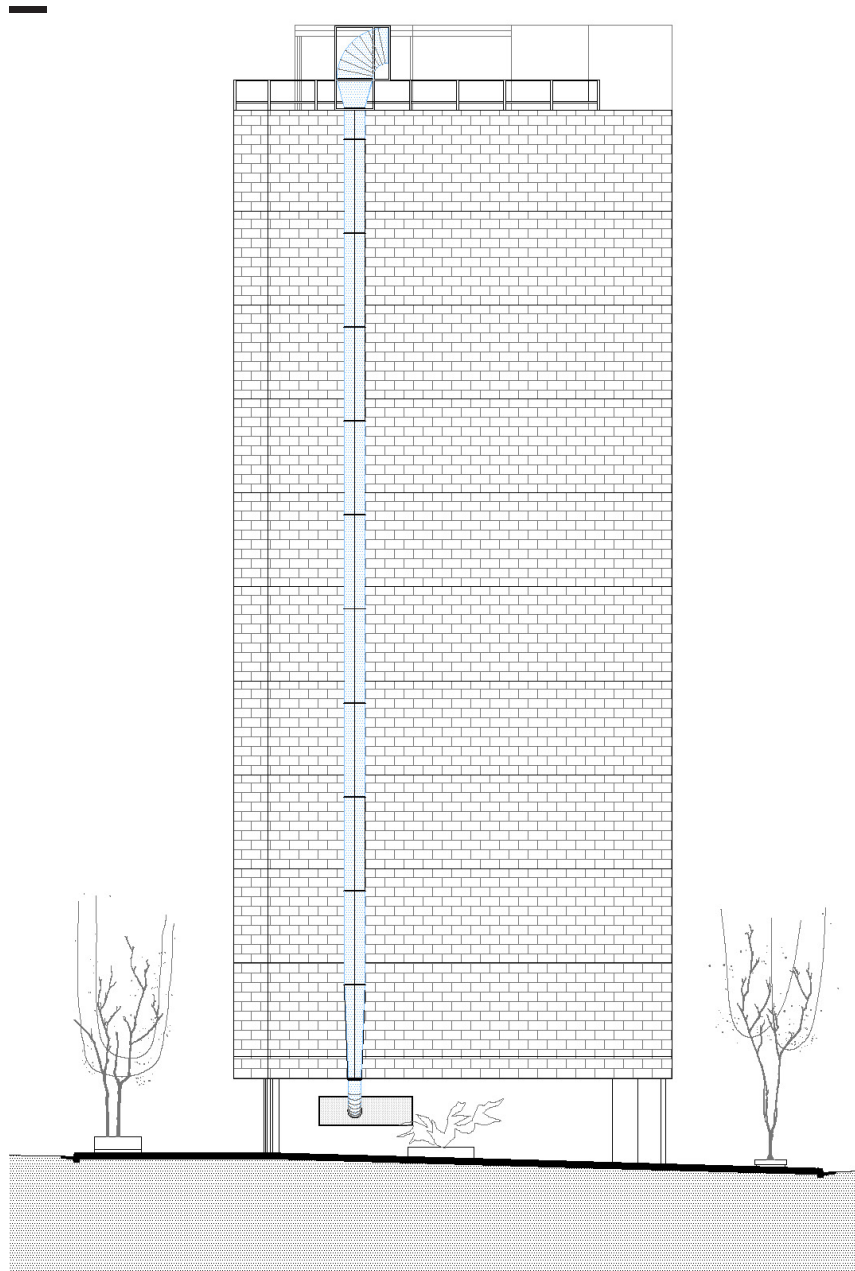
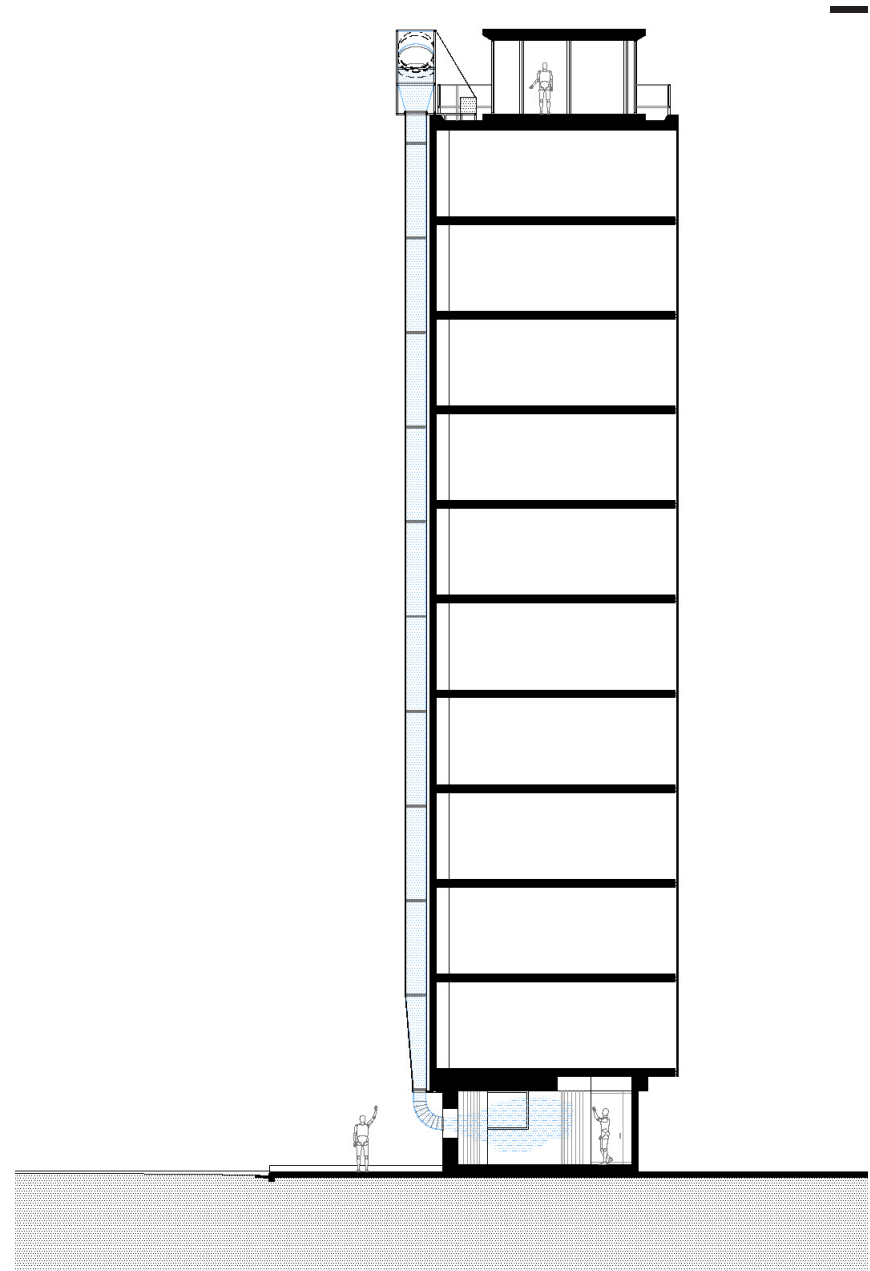


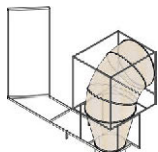
gráfico 01 | estudos de predominância de vento [afaconsult]
 gráfico 02 | velocidades da entrada e saída do vento leste dentro da galeria



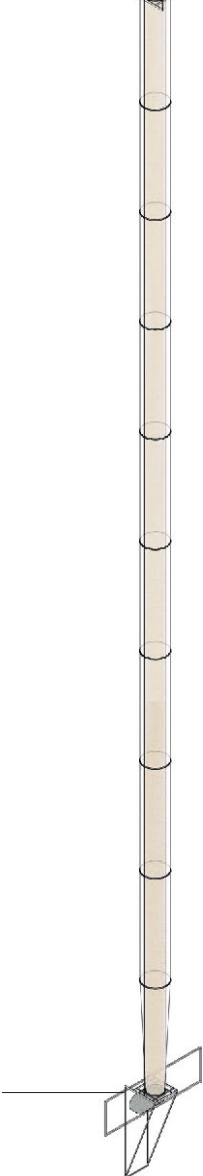
elevação frontal



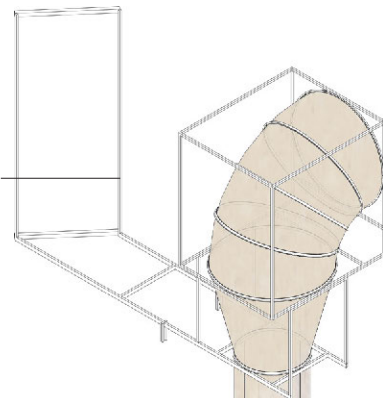
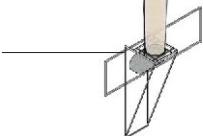
corte transversal



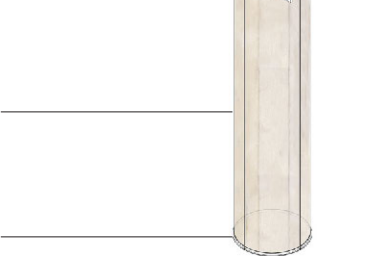
entrada do ar na cobertura



saída do ar na galeria

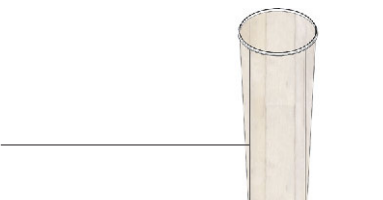


fixação da estrutura na parede existente

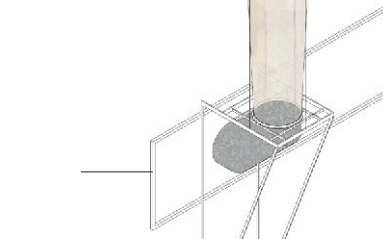


membrana de plástico

anel metálico



tirante



caixilho

fixação da estrutura na parede existente











